

PREFÁCIO

Do encantamento e convite à reflexão crítica e amorosa sobre situações existenciais de educadores-educandos e educandos-educadores que este livro nos provoca

Por Elizandro Maurício Brick¹

O livro *“Tecendo biografias e memórias de leituras: cartas de Pós-Graduandos à bell hooks e Paulo Freire”* organizado por Bethania Medeiros Geremias, Camila, Martins Januário de Freitas, Daiane Cenachi Barcelos e Mariana Moreira dos Santos é comovente, profundo e sensível, uma potência reflexiva e sensibilizadora. Foi essa a percepção que pude elaborar e sentir a partir das 18 cartas, organizadas nas três seções, a primeira endereçada à bell hooks, com cartas que dialogam diretamente com capítulos do seu livro “ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade”, a segunda e terceira seções com cartas à Paulo Freire, em diálogo com os capítulos/cartas dos seus livros *“Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”*, *“Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos”* e demais obras de Freire e de outros autores engajados com a pronúncia do mundo: com a denúncia dos horrores do mundo vigente e com o anúncio da possibilidade de um outro mundo possível. Quanta potência! Quantas referências acadêmicas fui conhecer e reconhecer por meio das cartas, quantas referências culturais, existenciais, quanta reverberação de pensamento e sentimentos em relação aos desafios e angústias compartilhadas, quantos exemplos inspiradores sobre a possibilidade concreta de realizarmos uma educação amorosa e engajada com a transformação da realidade injusta. Além da quantidade e diversidade de temas e situações existenciais abordadas nas cartas, destaco a sensibilidade e a profundidade reflexiva para a qual cada carta apresenta-se como um convite.

O contato inicial com as cartas me remeteu imediatamente a um pressuposto do diálogo segundo Enrique Dussel, um dos momentos da ética da libertação: a afirmação pré-ética originária do “outro” como “Outro”, não apenas como sujeito dos direitos vigentes no sistema de totalidade produtor de vítimas, mas como sujeito requerentes de novos direitos, como parte da comunidade de vítimas que no processo passa a se reconhecer protagonista do processo de libertação.

Vivemos em um país secular em que seus povos originários tiveram reconhecimento como sujeitos de direitos apenas com a constituição de 1988, símbolo da recente redemocratização, a pouco mais de três décadas. Vivemos em um país marcado pela dependência tecnológica, econômica e cultural que até hoje não promoveu a universalização do acesso à educação escolar e a erradicação do analfabetismo, marcado pelo racismo

¹ É professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciado em Física. Mestre e doutor e mestre em Educação Científica e Tecnológica. Leciona a disciplina *Práxis curricular ético-crítica: vivências de planejamento educativo na perspectiva freireana*, no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. Integra a coordenação do Laboratório de Novas Tecnologias (LANTEC). Constitui o grupo de pesquisa PROSA (Educação e Tecnologia Ético-Crítica). É membro da Sociedade Brasileira de Física (SBF), da Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC) e da Rede Universitatis BR, eixo 7 - Educação superior do campo, formação de professores e suas contribuições para as políticas de educação superior e para o desenvolvimento do campo e da sociedade brasileira.

estrutural vergonhosamente traduzidos em políticas de branqueamento que buscou esconder a nossa intrínseca constituição miscigenada de base negra e indígena. Em um país que, sob a propaganda do “Agro que é pop”, avança em um projeto de desenvolvimento que aprofunda a nossa condição de dependência, um projeto de campo com cada vez menos sujeitos e biodiversidade, um negócio que em nome do lucro de poucos explora o sofrimento presente e o nosso futuro ao tomar a natureza - da qual somos parte intrínseca - apenas como recurso: vegetal, mineral, hídrico, eólico, humano (força de trabalho), informacional(dados).

A negação e os obstáculos à possibilidade de autodeterminação dos povos oprimidos como protagonistas de sua própria história se travestem de inúmeras formas, desde a negação da própria possibilidade de produção e reprodução da vida (acesso à direitos básicos como o direito ao trabalho, à terra, à moradia, à água, à energia elétrica, à educação escolar), mas também em inúmeras formas simbólicas que refletem, introjetam e condicionam a reprodução do contexto desumanizador. Essas formas simbólicas não estão apenas externas a nós, mas também incorporam as nossas percepções e explicações sobre as situações de opressão vivenciadas, das quais fazem parte os preconceitos, as diversas formas de fatalismos e conflitos imobilizadores: tal como a terceirização da culpa entre os oprimidos que não se reconhecem como parte de uma mesma luta mais ampla. O reconhecimento da introjeção e naturalização das estruturas de opressão, sobretudo ao ler o conjunto de cartas que compõem este livro, me parece um aspecto crucial da “luta pelo direito de ser quem é” e “da busca do ser mais”. Aspecto desenvolvido de forma brilhante e emocionante no conjunto de cartas à bell hooks da primeira parte do livro e à Paulo Freire na segunda e terceira partes do livro. Esse fenômeno da introjeção e naturalização das estruturas de opressão aparece como um desafio do nosso tempo nas cartas que denunciam e promovem reflexões críticas, incorporando diversas formas de expressões culturais de cada momento narrado, sobre as contradições e ataques recentes à democracia brasileira, sobre avanços e enormes desafios em relação à temas transversais à classe, gênero, raça e sexualidade a serem enfrentados no Brasil, sobre o desafios de promover a “pedagogia engajada” no âmbito de nossas práxis educativas específicas (Educação Veterinária, Educação Infantil, Ensino de Línguas Estrangeiras, Cursinhos Populares, Movimentos Sociais, Ciências Sociais, Ciências Naturais etc.). Como representativo desse convite à reflexão sobre nosso papel problematizador da dicotomização entre subjetivo e objetivo, entre passado-presente-futuro, destaco um trecho da carta à bell hooks sobre “pensamento crítico” da Alaíde Vimeiro Toledo Barbosa, em que a autora mobiliza argumentos explicativos do passado colonial para provocar reflexões sobre situações análogas que estaríamos, sem perceber, incorporando objetivamente e subjetivamente no presente:

Ao observar a vida contemporânea e as questões que envolvem o pensamento crítico, não posso deixar de estabelecer um paralelo entre os espelhos e a nossa parafernália eletrônica atual, que tem nos *smartphones* o seu ápice de manifestação. É como se eu assistisse a um filme, no qual o cenário de dominação se assemelha ao passado, numa versão muito mais perversa e destruidora. O paralelo dos mundos se faz quase imperceptível. Criticamos o passado de outrora, mas não vislumbramos o presente.

Nos deslumbramos diante dos espelhinhos contemporâneos, certos de que participamos de um mundo globalizado em tempo real, como nunca. A um toque de tela, instantaneamente, buscamos o maior volume possível

de informações acerca de um fato, acreditamos que sabemos de tudo o tempo todo e respondemos aos apelos disso numa fração de segundos, num comportamento extremamente reativo. Seguimos e somos seguidos, compartilhamos ideias e formamos grupos, formamos opiniões, abraçamos causas, sem sequer averiguarmos a origem, a procedência da informação ou o objetivo por trás da ideia.

Disputamos uns com os outros, quem produz mais conteúdos, quem consegue mais seguidores, o que se faz mais atraente e se vislumbra melhor, quem possui os melhores e mais sofisticados aparelhos e até a qualidade do acesso às redes. Só não questionamos a procedência das informações e os objetivos de tão vasta rede de entretenimentos. É tão espelho, que as *selfies*, os *stories* e os vídeos de *TikTok*, dentre outros, estão repletos de um eu que se projeta para o mundo em busca de si mesmo, de validação e reconhecimento, mas um eu muitas vezes, tão solitário e triste, que já não se reconhece humano em suas imperfeições e cada vez mais tem dificuldades de se aceitar como realmente.

[...] Penso no quanto pagamos para nos entreter com esses espelhos e no que nos é expropriado, sem perceber o que levam de nós. Pergunto: O quanto de apropriação de nossas riquezas se dá através da nossa distração? Até que ponto somos diferentes dos povos nativos do novo mundo dizimados pela civilidade colonizadora? E o que é pior, como se dá o novo genocídio dos povos dominados no mundo contemporâneo? Um mundo que ainda lida com as sequelas de uma pandemia que transformou a vida de milhares de pessoas e assolou lares. O que pensar? Como agir? O que sentir? Que falta nos faz o pensamento crítico nessas horas?”

Dentre os aspectos cruciais da “luta pelo direito de ser quem é”, “da busca do ser mais” e do exercício da “amorosidade e andarilhagens” inspiradas em Freire, podemos destacar a disposição a correr riscos sabendo que iremos nos defrontar com obstáculos e dificuldades no processo, muitas vezes presentes em nós mesmos. Esse aspecto permeia as reflexões desenvolvidas com maiores detalhes e concretude nas cartas, se desdobrando em temas como: a dificuldades com a realização de escritas não acadêmicas (com maior liberdade criativa); a inserção e construção do debate sobre engajamento entre docentes; medos e anseios como o de não “praticar sempre em nosso cotidiano a criticidade”; de não “impor aos estudantes o nosso pensar”; ou de “pretender fazer por eles”; de “amar e se envolver demais com os problemas dos estudantes sem saber estabelecer limites” dentre outros.

Me parece compreensível e ao mesmo tempo um motor para a mudança a possibilidade de reflexão coletiva sobre essas inseguranças, riscos, desafios e obstáculos de realizar atividades tão árduas e anti-hegemônicas como “ensinar a pensar criticamente”, “amar novamente”, “exercer a pedagogia engajada”, “promover a educação democrática”, “aprender a leitura do mundo e da palavra”, “não deixar que o medo paralise”, “reconhecer a docência como profissão”, “ouvir o educando a ser ouvido por ele”, “reconhecer a potencialidade na cultura e ações populares”, “resistir e esperar apesar da dureza da realidade”, “enfrentar a mudança do mundo pela mudança do nosso mundo”. Atividades que não se confundem com o “pensar sobre” ou com o “pensar para”, mas se concretiza no “pensar e sentir com”, propiciando a superação da contradição professor-aluno introjetada em nós, mas também propiciando aos educadores-educandos e aos educandos-educadores

as alegrias e o poder de pensar-sentir relações autênticas entre eles e com os saberes, de experimentar a amorosidade que nos humaniza e nos afasta das diversas formas de dominação e que nos permite sonhar coletivamente.

Parabéns às organizadoras e as autoras e autores dessa obra que brinda à nós leitores com memórias e reflexões tão profundas e inspiradoras, com a expressão de uma prática de estudo que não se encerrou e se enclausurou nos indivíduos ao final do curso Educação e Razões Oprimidas, mas se apresenta ao público como exemplo inspirador de uma práxis transformadora que transbordou e continuará a transbordar.

Florianópolis, maio de 2023.